

# Plano Brady já enfrenta seus primeiros obstáculos

Quando foi lançado a 10 de março, o plano que tomou o nome do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, foi aplaudido — principalmente ao Sul da linha do Equador, onde se concentram os maiores devedores da gigantesca dívida global de US\$ 1,3 trilhão — como a saída para a crise que vem se estendendo por toda a década de 80.

Pela primeira vez os Estados Unidos admitiram dar um tratamento político à questão, deixando claro que também compartilham da idéia de que, como está, a dívida externa é impagável e um certo alívio é não só desejável como necessário, sob pena de metade do mundo permanecer eternamente estagnado, exportando não só produtos mas capital.

O problema é que o Plano Brady para dar certo precisa não só da boa vontade de Washington, mas da colaboração de seus parceiros europeus e japonês e da atuação dos organismos multilaterais de crédito. Ou seja, tem gente demais envolvida no processo. Talvez por isso, apesar do entusiasmo dos primeiros dias, ele já dê sinais de enfraquecimento.